

# Os Guarani se transferem para Imaruá

**Mudança se deve ao fato de gasoduto atravessar terras indígenas em SC**

Ângela Bastos  
IMARUÁ

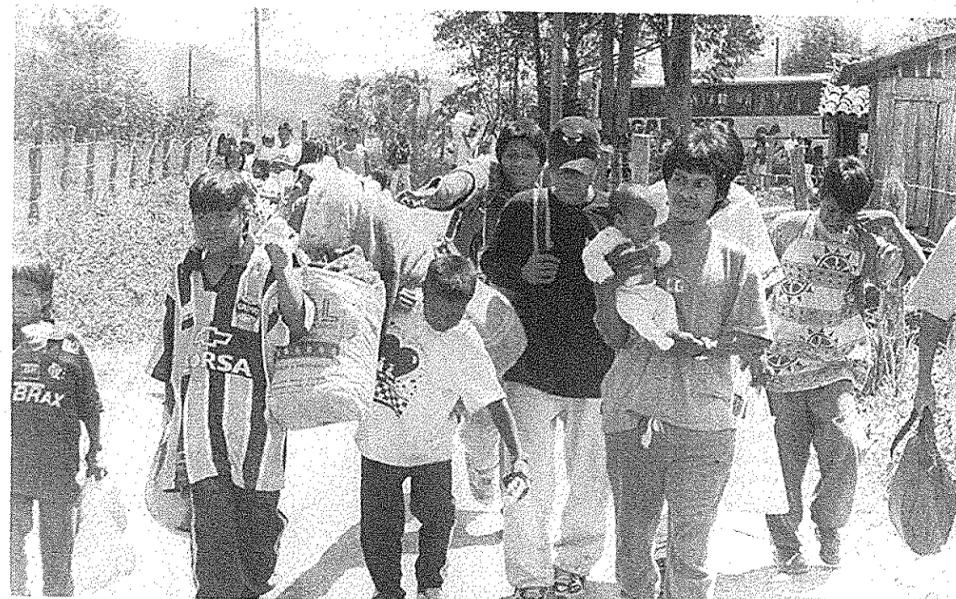
Famílias de índios Guarani das aldeias dos morros Massiambu e dos Cavalos, em Palhoça, na Grande Florianópolis, começaram ontem a transferência para o interior de Imaruá, no Sul do Estado. As novas terras localizadas na Cachoeira dos Inácios - a 12 quilômetros da SC-437 - foram adquiridas pela Petrobrás em função de o território Guarani em Santa Catarina ter sido atingido pela instalação do Gasoduto Bolívia-Brasil. Os 70 hectares foram comprados de um particular por R\$ 100 mil. No lugar há luz elétrica, uma casa de madeira e dois galpões. Nas proximidades também funciona uma escola.

Mais R\$ 20 mil contemplados no processo estão sendo destinados para a construção de duas casas na comunidade indígena do Massiambu. Foram os próprios Guarani que elegeram a questão terra como a mais grave em Santa Catarina. Mas a aquisição dos 70 hectares não significa que as aldeias localizadas em Palhoça vão desaparecer. "Área conquistada precisa ser preservada", defende a antropóloga Maria Dorotéia Darcella, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Dorotéia faz parte da comitiva do setor de Etnologia Indígena do Museu Universitário da UFSC, o qual ajudou no desenrolar do processo chamado pelo Ministério Público Federal de "medida mitigadora". "Trata-se de uma indenização, pois as terras próximas da aldeia Corveta, em Araquari, foram atingidas pelo gasoduto. É como se as instalações passassem pelo quintal da casa", compara o antropólogo Aldo Litaiff, também da UFSC.

Cedo as famílias mostravam-se preparadas para a viagem. Filhos no colo, sacos nas costas, sacolas nas mãos. Elas foram levadas em um ônibus onde estavam também representantes do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Alguns adultos conheciam o lugar. A maior expectativa estava entre as mulheres e crianças. No caminho, uma parada em um supermercado de Nova Brasília, bairro de Imbituba. "A Funai e a Secretaria da Justiça e da Cidadania não cumpriram com o prometido de mandar alimentos", avisa Litaiff.

A solidariedade dos presentes garantiu a compra de comida através de doações. Mas por causa disso, apenas seis índios adultos puderam ficar nas terras. Mulheres e crianças retornaram para as aldeias de origem ao final da tarde. Coube ao cacique Augusto da Silva anunciar o nome da nova aldeia: Tekoa Marankatu, que significa "Terra de Tranquilidade". Antes de parte do grupo retornar para as aldeias em Palhoça foi afixada a placa da Fundação Nacional do Índio (Funai), a qual proíbe o ingresso de pessoas estranhas. Arlindo da Silva, 18 anos, foi um dos responsáveis pela colocação da placa. Um ato histórico.



FOTOS CLÁUDIO SILVA/DC/PALHOÇA

**MUDANÇA:** Desde cedo, famílias se prepararam para embarcar no ônibus rumo ao Sul do Estado



**ESPERA:** Crianças estavam ansiosas para conhecer o novo lugar, chamado de Terra de Tranquilidade

## TERRA NOSSA



**Beleza**

A cachoeira foi a maior atração para as crianças Guarani. Daniela, nove anos, esqueceu dos chinélos no meio do mato quando da estrada avistou as corredeiras d'água. Em seguida, tirou a blusa e a calça para, junto com as amigas, mergulhar. "É muito bonita", disse.



**Inocência**

Uma redinha de frutas e um pequeno galho. Foi tudo o que precisou Antônio, 12 anos, para ensaiar a primeira pescaria. "Deve ter peixe mais graúdo", previu. Antônio permaneceu a maior parte do tempo isolado. Esperava que longe do barulho os peixinhos caíssem na malha.



**Liderança**

O cacique Augusto da Silva está animado. Imagina que dentro de pouco tempo poderão estar nascendo pés de feijão, milho, mandioca na nova propriedade. O líder dos Guarani na aldeia do Massiambu diz que ninguém será forçado a se transferir. "Mas a terra é boa."



**Experiência**

Alcindo Gonçalves explicou por que alguns Guarani estão em dúvida sobre a transferência. "Massiambu é perto da estrada. Sempre chegam alimentos, roupas, brinquedos. Aqui não sabemos como será." Aposentado, ele considera a nova propriedade ideal.



IRINEU DALLA VALLE/DC/CHAPECÓ

**MUTIRÃO:** Professores e indígenas reformaram escola desativada para o ensino das línguas Kaingang e Portuguesa

## Comunidade Kaingang ganha escola

Cristiano Rigo Dalcin  
CHAPECÓ

Os índios Kaingang, de Chapecó, já começam a viver uma nova realidade dois meses após a transferência da Aldeia Condá de uma área urbana do município para uma localidade rural de Praia Bonita. A novidade é a implantação de uma escola para a comunidade, que será mantida pela 11ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), com apoio da Fundação Nacional do Índio (Funai). No estabelecimento de ensino, 46 crianças e 28 adultos serão alfabetizados nas línguas Kaingang e Portuguesa.

A CRE realizou um mutirão em conjunto com os índios para a refor-

ma de uma escola desativada há dois anos. Mesas e cadeiras arrecadadas de outros estabelecimentos de ensino foram reformadas na Penitenciária Agrícola de Chapecó. Conforme o técnico indigenista da Funai, Almir Von Held, a proposta do ensino de duas línguas serve para preservar a cultura Kaingang e preparar os índios para encarar a realidade da cidade.

O índio Celestiel da Silva, 17 anos, vai alfabetizar as crianças em Kaingang. "As crianças sabem falar, mas não sabem escrever", explica Celestiel, aluno do Supletivo da 6ª série no Centro de Alfabetização de Adultos (-CAA), do Colégio Roberto Freire. Rita de Cássia Carniel, 24 anos, será a professora de língua Portuguesa das

crianças. "É uma oportunidade para conhecer uma realidade diferente, para quem acabou de sair da faculdade", conta.

A escola também contará com uma merendeira, Teresinha Salvador, irmã do cacique Pedro Salvador. A Aldeia Condá ocupa uma área de 100 hectares em Praia Bonita, localidade do distrito de Água Amarela, interior de Chapecó. São 252 índios de 60 famílias. Antes da mudança para a área rural, os índios estavam instalados de forma precária em um terreno no bairro Palmital, zona urbana de Chapecó. Discriminados pela sociedade, as crianças não frequentavam a escola e rondavam os hotéis da cidade para a venda de artesanato.

## Etnia luta para manter as tradições

Os Guarani são um dos maiores povos indígenas da América do Sul, vivendo no Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai. No Brasil, estão espalhados do Rio Grande do Sul ao Espírito Santo. Em Santa Catarina vivem cerca de 700 deles. Até 1992 eles não tinham aldeias no território catarinense. Uma ação do setor de Etnologia Indígena do Museu Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) levou à criação da primeira delas, em 1993, que é a do Massiambu, município de Palhoça, na Grande Florianópolis. No local vivem 60 Guarani, todos de uma mesma família.

Um ano após foi criada a aldeia do Morro dos Cavalos, onde estão 80 índios de duas diferentes famílias, também em Palhoça. No Oeste e Norte do Estado também há índios Guarani, mas as áreas são respectivamente da etnia Kaingang e Xokleng. Um grupo vive na Reserva Indígena de Xapecó, no município de Ipuacu, e outro em Ibirama. Eventualmente podem ser encontrados grupos em outros lugares.

Os Guarani que vivem em Santa Catarina lutam para preservar a língua, tradição, mitos, religião e organização social. Muitos deles são vistos nos centros urbanos, onde vendem artesanato. Falantes da língua Guarani, pertencente à família linguística Tupi-guarani, eles possuem uma identidade étnica diferenciada dentre os mais de 220 povos indígenas que vivem no Brasil.

### SAIBA MAIS

São três os povos indígenas que vivem na região Sul do Brasil: Guarani, Kaingang e Xokleng. A estimativa é que vivam 24 mil índios em Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. O número assusta, se comparado ao do século 16, quando a costa brasileira começou a ser visitada por navegadores europeus. Havia 5 milhões de índios no Brasil. Hoje não passam de 325 mil, segundo a Fundação Nacional do Índio (Funai).

